

Períodos literários

Na série "Princípios", que a Editora Atica, em boa hora, está publicando, acaba de sair *Períodos literários*, livro de 80 páginas, manual fácil de uso e muito útil nas aulas de Teoria Literária.

Lígia Cademartori, que realizou o Mestrado e o Doutorado na PUCRS, professora da Universidade de Caxias do Sul e atualmente em Brasília, é pessoa altamente preparada para produzir um livro sobre períodos literários. Tema muito discutido, sempre atual.

Começa com as Cantigas Medievais, vai depois ao Renascentismo, desdobra-se no Maneirismo, no Barroco e no Neoclassicismo. Apresenta: o Romantismo, Parnasianismo, Simbolismo, Impressionismo e por fim o Modernismo.

O estudo é objetivo, didático, acessível e sério; útil a mestres e alunos dos 2º e 3º graus.

CADEMARTORI, Lígia. *Períodos literários*. São Paulo, Atica, 1985.

Ir. Elvo Clemente

As virtudes de um romancista

Na literatura gaúcha são freqüentes as obras que referem o estrangeiro como elemento estranho à ordem cósmica, aquele que se imiscui no mundo para romper com sua estabilidade, instaurando o desentendimento, a desgraça.

Desta vez é na Estância da Fonte, nos idos de oitocentos, que Félicien de Clavière, jovem naturalista francês, se instala, sob as benesses do Capitão geral do Continente, para estudar as plantas, os bichos e as gentes daqueles rincões perdidos.

Mas Félicien, personagem de Luiz Antonio de Assis Brasil, tem de fato outra tendência: é ele que permite às mulheres da Fonte mostrar suas paixões, desvendando lentamente todos os valores, as "virtudes" e os azares de um mundo perdido na memória de um povo.

Escritor de maduro ofício, Assis Brasil sente-se à vontade para perquerir, com riqueza imaginativa e poder de invenção, um passado remoto, fazendo aflorar à narrativa toda a carga de humanidade escondida há mais de séculos. Suas personagens desprendem-se do tempo e obrigam o leitor a conviver com elas, deslocando-se por entre as coisas de estância, a faina diária, os objetos que descreve com zelo de ourives.

Não mais importa, como nas obras anteriores, apreender o significado da História em seus amplos movimentos coletivos, revisá-la e denunciar o absurdo da prepotência e os desmandos do autoritarismo. Profundo observador do humano, o escritor contempla, extasiado, a riqueza que sua memória histórica descobre. No mergulho profundo que realiza em busca das raízes do povo do Continente, Assis Brasil se assume como romancista pleno, e cria uma obra onde a paixão se instaura como personagem principal.

"Para o francês, o melhor", diz o Coronel Baltazar Antônio, rico estancieiro, fiel nos princípios da hospitalidade. E quando se afasta das terras, em virtude da luta contra Artigas, deixa às mulheres da casa a tarefa de bem atender ao hóspede.

Numa casa onde Imperam "as virtudes", a presença do francês rompe com a estabilidade aparente de um mundo de emoções contidas. A paixão avassaladora que se apossa das duas mulheres — Isabel, a filha, e Micaela, a mulher, dona da estância —, é a matéria narrativa sobre a qual Assis Brasil se debruça.

Desse modo, a ruptura que As virtudes da casa estabelece, principalmente com relação às obras da primeira fase (esta, segundo a crítica, pretendia testar uma modalidade de formação histórica e um tipo de funcionamento social), significa, do ponto de vista da criação literária, uma nova postura do escritor. Mais maduro, mais hábil, deixa que o fato social se imiscua e produza reflexos na consciência da personagem. Livre do compromisso com teses, cria uma linguagem que, interpenetrando planos narrativos, permite a apreensão simultânea dos acontecimentos que formam a urdidura do romance.

Arnold Hauser, estudando as características da arte contemporânea, aponta a proximidade da cinemática como elemento decisivo no tratamento do espaço e do tempo no romance. Refere, pois, a existência de um novo conceito de tempo "cujo elemento fundamental é a simultaneidade e cuja natureza consiste na espacialização do elemento temporal"³.

Ora, tendo o autor escolhido a forma tradicional do discurso narrativo, certamente por adequar-se melhor à ordenação cronológica da história —, a montagem do romance em quatro novelas permite o tratamento simultâneo da ação, pela mobilidade do ponto de vista. As novelas, com subtítulo próprio, são precedidas de uma epígrafe que subsume seu conteúdo e significado: *Isabel, Mas os deuses estão vivos, As dores e os frutos, Os Mistérios da Fonte*.

Cada novela corresponde a uma personagem em cuja perspectiva a mesma situação é apreendida. Isso confere à narrativa aquele senso do relativo que caracteriza a visão que tem do mundo o homem contemporâneo.

Desse modo, Assis Brasil reinaugura entre nós o romance das grandes paixões, com clímax dramático, concentrando sua atenção no comportamento e na densidade psicológica de suas personagens. E o faz sob ótica moderna porque, à semelhança do que ocorre com o romance epistolar, no passado, institui pela técnica da criação literária, o que Sartre denominou "uma orquestração das consciências"⁴.

Por outro lado, ao reduzir o espaço narrativo, transforma a Estância da Fonte no cenário onde, com astúcia e arte, a câmara do narrador se instala dentro das personagens. Revela, desse modo, fantasias, desejos, emoções, fazendo com que as imagens se sucedam através de pequenos "close" que permitem o seguimento da história.

A unidade narrativa compõe-se, pois, no plano sintático pela imbricação das novelas. Mas seu significado se completa pela força da massa elocutiva, cada frase habilmente trabalhada, num apuro de linguagem que lembra muito a harmonia musical.

Assim, se, do ponto de vista da técnica de composição, a prosa de Assis Brasil se afigura deverosa do cinema e da música, do ponto de vista estritamente literário há que ressaltar na obra a capacidade de desvendar, pela palavra, todo o erotismo e a vida que existem nas personagens.

A estância vive de ritos: o trabalho diário, o preparo da guerra, o rosário puxado na capela, as bênçãos à colheita, os bordados e crochetedos dos serões diários ao pé do fogo. Os ritos servem para preservar a aparência estável das coisas. Turbados na sua prática, a paixão explode. E domina os sonhos, as fantasias, o ódio, a saudade, a inveja, os desejos amorosos daquelas mulheres e homens a quem Félicien, com seus sortilégios, seduzira.

Sombra e luz, claro e escuro, água e vinho — o escritor explora as nuances das relações humanas com gosto de esteta. A sombra da capela, Jacinto, aleijado: filho e irmão, meio-padre; no lado sombrio da casa, as negras, "peças da África", perscrutando, agourentas, a origem de tanto desatino. Os símbolos, recorrentes: as cruces, as cicatrizes; Baltazar Antão: solidão e guerra.

Félicien, a luz, a felicidade. Mel e trigo maduro. As imagens que o escritor inventa são capciosas, sugestivas e permitem associações imediatas. O erótico e o religioso, o pecado e a virtude. E o conflito barroco que em *Manhã transfigurada* 5 se transforma em matéria narrativa, as coisas da Igreja imiscuindo-se com as coisas da carne, a tensão elevada ao clímax, agora serve de sustentação aos dramas psicológicos.

Concededor da natureza humana, o escritor se rende ao fascínio da mulher. Isabel e Micaela encarnam os conflitos da mulher-raiz, presa à terra, ou mulher-vulcão, ativa na realização dos seus desejos.

A tensão entre carne e espírito se reflete na consciência de todos, produzindo seus atos, compondo os destinos. O escritor tudo apreende e registra porque está ávido da verdade humana.

Visível na própria idéia de escrever um romance de amor, nos idos de oitocentos, a postura do escritor, com seu quê de romântico, pode ser interpretada também como a recusa em aceitar o aviltamento do homem, massificado pela força niveladora de um sistema social e de uma ordem econômica que o arrasa, privando-o de sua dignidade.

Assim como Stendhal, consciente do momento histórico que vivia, sentiu sua própria época como "uma época de promessas e expectativas insatisfeitas, de energias não exploradas e de talentos desapontados". Assis Brasil procura bucar no passado qualquer coisa da grandeza perdida. E encontra, fundamentalmente, a capacidade do homem de viver por inteiro seus conflitos, seus dramas e paixões. Transformar tudo isso em linguagem constitui a virtude maior desse romanista.

NOTAS

- 1 — ASSIS BRASIL, Luis Antônio de. *As virtudes da casa*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.
- 2 — ZILBERMAN, Regina. *A literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.
- 3 — HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. São Paulo, Mestre Jou, 1972, v. 2, p. 1128.
- 4 — SARTRE, Jean-Paul. *Qu'est-ce que la littérature*. In: BORNEUF, Roland e OUELLET, Réal. *O universo do romance*. Coimbra, Almedina, 1976, p. 120.
- 5 — ASSIS BRASIL, Luis Antônio de. *Manhã transfigurada*. Porto Alegre, L & PM, 1982.

Léa Masina

A nova antologia

A Editora Globo tem o mérito de ter lançado o poeta Mario Quintana para todo o Brasil e hoje ainda continua a manter a sua predileção pelo autor dos quintanares. Nova antologia poética é um repertório selecionado de poemas em que aparecem produções de outros tempos e de agora.

O primeiro poema, "Aula Inaugural", está bem pensado e melhor colocado no umbral do livro.

Os versos aparecem como sentenças definidas, categóricas, sem apelação. Vejamos alguns:

Fora do ritmo, só há danação.
Fora da poesia não há silvação.
A poesia é dança e a dança é alegria.
Dança, pois, teu desespero, dança.
Enquanto o poema não termina
A rima é como uma esperança
que eternamente se renova.

E o poeta será encantado dominador de monstros,

Tirano das esfinges...
Deixa surgir o Caos antônio...

A Nova antologia é formada de poemas bem selecionados, onde sempre encontraremos o humor intraduzível e a ironia incorrigível do poeta...

Vale a pena tomar o livro e ler os poemas e saborear-lhes a doçura de frutos maduros, o amargor da tristeza, o asedume da dúvida e o jogo nunca inocente da ironia.

O livro fecha as suas páginas com o poema — "Terra", que vamos reproduzir:

Terra! Um dia comerás meus olhos...

Eles eram

No entanto

O verde único de tuas folhas

O mais puro cristal de tuas fontes...

Meus olhos eram os teus pintores!

Mas afinal, quem precisa de olhos para sonhar?

A gente sonha é de olhos fechados.

Onde quer que esteja... onde for que seja...

Nã mais profunda treva eu sonharei contigo,

Minha terra em flor!

QUINTANA, Mário. Nova antologia poética. Rio de Janeiro, Globo, 1965.

Tr. Elvo Clemente

O país do texto

O Instituto de Pesquisas Lingüísticas "Sedes Sapientine" para Estudos de Português vem produzindo interessantes materiais didáticos para o estudo e conhecimento da Língua Portuguesa. O fascículo *José no país do texto* é um pequeno manual de treinamento, de encaminhamento à arte de pensar e elaborar pequenos textos. O grupo de estudos enfrenta o problema fundamental dessas gerações que não tiveram a maturação escolar suficiente para articular bem o pensamento. Os exercícios apresentados são simples mas eficientes. As situações para os diálogos e a formação dos textos são tirados do dia-a-dia do viver do povo simples. Não creio necessária e válida a referência ideológica de alguns diálogos. O poema de Vinícius de Moraes foi bem escolhido para a leitura e motivação do diálogo e dos exercícios.

A arte das artes é ensinar a pensar, base da transformação da pessoa e das transformações sociais e culturais.

IP. *José no país do texto*. São Paulo, PUC, 1965.

Tr. Elvo Clemente

Língua e liberdade

O aparecimento do livro *Língua e liberdade* — obra do eminente estudioso Professor Celso Pedro Luft — ensejou reacções de carácter diverso entre os leitores. Para alguns o texto representa uma leitura revolucionária, intrigante até. Para outros, ao contrário, a obra constitui a repetição enfática de idéias que vêm sendo divulgadas, há algumas dezenas de anos, por estudiosos da matéria, ou por profissionais da palavra de um modo geral, mesmo neste País de todos os subdesenvolvimentos.

Não sendo relevante especificar, no momento, quem seriam os "alguns" e os "outros", vamos à obra, ou seja, vamos referir alguns (apenas alguns) aspectos básicos da obra, já que, parodiando Heidegger, a dialéctica é a morada dos pensantes.

O autor, no primeiro capítulo — *Subversão lingüística* — transcreve e comenta a crónica *O GIGOLO DAS PALVRAS* de Luis Fernando Veríssimo. Em-

bora concordemos, em grande parte, com os posicionamentos críticos ali expostos por Luft, julgamos que algumas das afirmações do cronista poderiam ter recebido um tratamento mais polémico, ou seja, um tratamento que levasse em consideração os progressos da ciência da linguagem e, mais especificamente, o princípio da variação lingüística, tão familiar ao professor Luft. Nosso ponto de vista ganha consistência, se pensarmos que a obra pretende dirigir-se também a leitores sem qualquer iniciação lingüística ou sociolingüística. E não só; pensamos, inclusive, na situação de "certos" professores de Português a quem sequer será facultado o privilégio de discutir as idéias do livro. Professores afeitos ao ensino tradicional. Neste caso, será preciso confiar na eficácia da terapia de choque ou na "técnica do joelhago".

Entre outros aspectos, pareceria oportuno lembrar ao leitor as diferenças que caracterizam o discurso literário e o discurso pedagógico. O discurso do professor de português — mesmo o do professor mais esclarecido, mais atualizado, mais criativo, ou o do professor menos gramaticalista, menos purista, menos ortodoxo — será sempre diferente do discurso do escritor. Do escritor brilhante da crónica há pouco citada, por exemplo. Pela própria natureza dos dois tipos de comunicação. Pelas funções que um e outro desempenham. E esse é um aspecto, parece-nos, que deveria ficar muito bem estabelecido, ao menos para certo tipo de leitor, a fim de que não fique perambulando de um caso para outro, em especial quando se trata de compreender ou repensar o processo ensino/aprendizagem da língua materna.

No segundo capítulo — *A teoria da linguagem* — o autor, discorrendo sobre a gramática natural do falante/ouvinte, introduz alguns conceitos de importância vital, diríamos, especialmente para aquele que ensina língua materna. Denunciando com um realismo palpável, os equívocos do ensino tradicional ingênuo, o professor Luft propõe que se substitua o abolutismo do ensino de regras normativas pela pedagogia que leva em conta as regras da gramática interiorizada pelo aluno. Na parte final do capítulo, refere-se à contribuição das ciências da linguagem no ensino de línguas. Todavia, acreditamos que as implicações da lingüística neste setor são bem mais profundas ou mais pertinentes do que deixa entrever o autor no referido capítulo ou em outras partes do livro.

Os capítulos três, quatro e cinco retomam e desenvolvem as idéias centrais expostas nos dois primeiros capítulos.

Fundamentando sua argumentação, basicamente, na teoria de Chomsky, o autor insiste, enfaticamente, em dois pontos: no saber lingüístico inato que todo ser humano possui e na inutilidade do ensino gramatical como vem sendo praticado na escola. A constante repetição dessas idéias pode facilitar a leitura dos não iniciados ou, quiçá, modificar o comportamento dos mais exímios mestres da crase, do hífen, dos acentos, das vírgulas... e de outros itens que muito pouco tem a ver com o verdadeiro ensino de língua.

Concluindo este breve comentário, entendemos que o livro deverá ser discutido. Merece ser discutido. Até por aquele estudante de Letras que diz não ter encontrado nada de novo na leitura em questão.

LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade*. Por uma nova concepção da língua materna e seu ensino. Porto Alegre, L & PM, 1965.

Maria Tasca

Gramática grega

Estranho título para um livro de poemas. Ao abrir-lhe as páginas, a estranheza desaparece para dar lugar ao encantamento e à delícia da leitura. São poemas feitos na Grécia, bebendo aquele vinho de Samos, respirando aquele ar do Olimpo e sonhando aquele viver etéreo e nostálgico de um mundo de sonho e poesia.

A epígrafe que ilumina o umbral da entrada é de Heráclito: "O deus cujo oráculo está em Delfos não diz nem cala: fax sinal".

O prefácio é de Norma Taça que dedica ao esposo as linhas e a interpretação da arte. "Onde irias ancorar entre o sol e as águas víneas, recriando o mito além do destino"?

Os poemas perpassam pelos lugares outrora freqüentados e animados pelos deuses, pelas ninfas, pelos sedos... O poeta contempla e diz:

Tanta ruína
Sem nome. Declinar
que alfabeto
entre a língua
dos restos? Hecatombe
insensata
dos deuses
saciados.

E o poeta relembra Ulisses tão ligado às origens lusitanas, presente em Camões, em Fernando Pessoa e agora em Seabra...

Argonauta rendido
de ilha em ilha, entre vagas
do signo, só erravas
ao invés do sentido.
Nunca à pátria
chegado. Arauto
já sem rastro
da rota
e da partida.

A segunda parte volta a recordar num poema terminal o navegante destemido:

Aqui Ulisses
vai aportando
ao casis do mito,
aonde e quando
o infinito
se tece, enquanto
tudo é escrito
ou declinado
de canto em canto
pelas serenas
em seu descante

e em nada a déia
destece o manto
da pura Idéia.

Como se lê, José Augusto Seabra em sua Gramática grega conduz o leitor para a maravilha de Hésíode do sonho e da poesia.

SEABRA, José Augusto. Gramática grega. Porto, Nova Renascença, 1985.

Ir. Elvo Clemente

Conceitos de lingüística fabular

O professor José Lourenço de Oliveira é um grande batalhador da pesquisa das ciências humanas e, em especial, dos problemas da linguagem e do teatro. Numerosos artigos em revistas, principalmente em *Krirkion* da UFMG.

Agora apresenta ao público leitor curioso em assuntos de linguagem: *Conceitos de lingüística fabular*. Acentua o adjetivo dando-lhe destaque especial, quer no título, quer nas conceituações. A apresentação do livro é o discurso de saudação ao professor emérito em data de 12/9/1974 pela profa. Angela Vas Leão. O

autor parte do princípio de que "pensamos por frases". Recrimina de certa forma "a lingüística vigente que, sem vencer o encantamento tradicional, tem sido uma lingüística vocabular, mostrando nisto o seu engano. Nos valores da língua, extraídos da fala, o vocábulo é um elemento de quarta grandeza. Tais valores são: a frase, a melódia, o sintagma, o vocábulo e o morfema".

É curiosa a posição do emérito professor na apresentação de um quadro de hierarquias, onde, contrariando Saussure, atribui à fala toda a eminência social e reduz a língua à sua posição de mero recurso individual.

- I — A fala, expressão do homem; função interindividual ou social; dela se filtra a língua.
- II — A frase, elemento da fala, construída em moldes da língua.
- III — O molde, elemento da frase; molde frástico, melódico, sintagmático.
- IV — O sintagma, elemento da frase, feito de vocábulos e morfemas relacionais.
- V — O vocábulo e o morfema relacional, elementos do sintagma.
- VI — A sílaba, elemento do vocábulo.
- VII — O fonema, elemento da sílaba.

O professor José Lourenço de Oliveira tem a sua maneira interessante de ver o fenômeno lingüístico e o seu modo próprio de estudá-lo.

OLIVEIRA, José Lourenço. *Conceitos de lingüística fabular*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.

Ir. Elvo Clemente



Av. Bento Gonçalves, 4060

Telefone: 36-8300

RAMAL PUC 113

CEP. 90.000 — PORTO ALEGRE — RS — BRASIL